

ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.

ASSIGNATURAS : COSTE.

ANNO DNO. 1863	88000
SEMESTRE I	48000
TRIMESTRE I	28000

PROPRIETARIOS

ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO
ANTONIO JOSE CARNEIRO GUIMARAES

ASSIGNATURAS : PROVINCIAS.

ANNO DNO. 1863	98000
SEMESTRE I	68000
TRIMESTRE I	58000

As assinaturas são pagas adiantadas. Avulso 200 rs.

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assignaturas nôstra tipografia — Rua Nova do Oeivor n.º 9 — e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadaria n.º 52. Recede todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez approvado pela redacção.



ARCHIVO LITTERARIO

Damião de Goes.

D. João 3.^o, em premio dos serviços que Goes tinha prestado, o nomeou guarda-mor da Torre do Tombo, e chronicista mór do reino. Esse desempenhou o primeiro encargo, realizando a boa ordem os papéis e documentos, que estavam confusos no arquivo real; e o segundo escrevendo em 1568 a chronica d'elrei D. Manoel, que dedicou ao cardeal D. Henrique. Esta obra havia sido começada pelos chronicistas Ruy de Pina, Fernão de Pina, e por D. António Pinheiro, bispo de Miranda.

Damião de Goes soube com perfeição as linguas mais cultas da Europa, e teve bastante inteligencia das linguas árabe e abyssina. Era um dos mais insignes musicos da sua época, e compunha versos que accommodava à salsa. Barbosa asserava, que muitas destas composições se conservavam na biblioteca real, na época em que elle escrevia. Damião de Goes foi mui versado na historia sagrada e profana, e na genealogia, em que escreveu de algumas famílias nobres do reino, fazendo-o porém com tal parcialidade e impulsos de vingança, que offuscou parte da fama que grangeara. Tendo chegado a idade provecta, faleceu na sua patria, deixando duvidosa a posteridade sobre a causa assim da sua morte, como da época em que esta sucedeu. Os biografos assignam a sua morte em o anno de 1560, falecidos no epitafio da sua sepultura; mas enganaram-se, pois consta da quarta parte da chronica d'elrei D. Manoel, impressa a 25 de julho de 1567, e rubricada pela mão

de Goes, que ainda vivia nesse anno. Foi sepultado no pavimento da capella mor da parroquial igreja de Nossa Senhora da Varzea villa de Aleinquer, donde sobre a lapida sepulcral se lê um elegante epitafio latino, que elle proprio compozera.

Além da chronica de D. Manoel, de que já falamos, Damião de Goes compôz diversas obras latinas, que se relatão no Summario da Biblioteca Lusitana; e bem assim alguns manuscritos, taes como, os Avisos a um cortezão, a Theoria da magica, e o Nobiliario do Portugal, obra que deixou imperfeita, e que teve grande nomeada no seu seculo.

(Da R. P.)

acreditar que se tratava de D. Isabel... Crede-me, casai-os, e aplacai assim o ressentimento de uma familia poderosa.

— Tendes razão: meu padre, respondeu D. Gusmão, eu vos obedecerei; e assim o jo vais assegurar à família de D. Gastão.

O confessor partiu. D. Gusmão mandou chamar Pedrillo, com quem teve uma conferencia secreta.

Pedrillo era um moço de vinte e cinco anos, de figura agradável, mas arrogante; e estava prompto para tudo que podesse satisfazer a sua ambição e cubica. Via-se que elle não hesitava em aceitar o annel de D. Gastão; e agora apresentou-se a D. Gusmão de Herrera, com o chapéu na mão, e os olhos baixos, como um hypocrita, para receber as suas ordens.

— Pedrillo, lhe disse o pai de Isabel, os amigos de D. Gastão querem-no tirar daqui.

— Levantaremos a ponte levadiça, señor respôs Pedro. Pedrillo, e armaremos os criados.

— Eu não posso sustentar um assedio.

— Nesse caso, he preciso tirar o preso deste castello, e transportá-lo para alguma das vossas propriedades mais distantes de Saragoça.

— Ha outro meio, Pedrillo; pode-se misturar este liquido no vinho que se der a D. Gastão; e depois tudo está acabado.

Pedrillo pegou no vidro que continha o veneno, e prometeu a seu amo que executaria fielmente as suas ordens. Com efeito,

LITTERATURA

Gastão e Isabel

(Continuação)

Dous dias se passarão sem que houvesse mudanca alguma na situação de D. Isabel; ao terceiro dia ella viu seu pai a passar no jardim com o seu confessor, o qual o tinha vindo procurar, para lhe dar noticias de Saragoça.

— D. Gusmão, lhe disse elle, haveis dado ham passo muito atrevido, arrebatando D. Gastão; elle é rico, pertence a uma poderosa familia, tem amigos, e se não lhe restituis a liberdade é muito provavel que o venham tirar daqui à força.

— Ele seduzio minha filha, exclamou D. Gusmão.

— Queria casar com ella, respondeu o confessor, e era eu que os devia abençoar; pois ainda que elle não me nomeou a pes-

soa que se havia de unir, tudo me faz sentir que se a dar-me esta triste noticia.

IWUW(a?) R. Sevi

— "Morreu! exclamou D. Izabel.

— Sim, respondendo a velha, foi morto por ordem de vosso pai, que não tolera que o offendam impunamente."

Sabendo deste crime, Izabel ocultou seu rosto entre as mãos, apoderando-se della os mais tristes presentimentos; e segundo o costume das dozelas hispanholas daquelle tempo, lembrou-se de ir procurar no seio da religião um refúgio contra os maus traços, que esperava de seu pai.

— "Meus Deos! exclamou ella, eu entrerei no convento de Nossa Senhora do Pilar, e professarei, pois já que não posso ser de D. Gastão de Alvarez, não querer ser de nenhum outro homem."

— Não he essa a ténção de D. Gasparão, respondendo a velha: vós casareis dentro em poucos dias."

Passarão-se dois dias, e pela alta noite do ultimo abrigo se a porta da quarto de Izabel, e estava entoado Pe Trílio. Então a me dina, que conhecia a duzida de seu pai, e que era animosa como era castelhana, apresentou o peito áquelle que olha a como seu verdugo, e lhe disse:

— Fere assim como já feriste a D. Gasparão.

— Na la temia, senhora, lhe disse Pedrillo, e ouça-me tranquillamente. Ha verda de que seu pai me incumbio de matar D. Gasparão, não com ferro, mas sim com veneno. E quanto à senhora, eu não sei quaes sejam os rojões de meu amo; p' rêm, apesar de o julgar muito irritado, não penso que elle trate de se desfazer de sua filha. Mas senhora, é o seu interesse que me traz: quiás es ovidas de seu pai. Primeiro que tanto deve saber que D. Gasparão não morreu.

(Continua).

VARIEDADES

O apostolado científico

(Continuação.)

Hoje, assim como nas hebdomadas do preterito, ha tres cousas que formão o verdadeiro e inclito motivo de todas essas grandiosas aventuras que leváram o terror e a devastação à cidade dos Cesares, e a civilisação e o christianismo às triuphacias mongólicas, escandinavas e germanicas, sem esses tres corolarios não se pôde conceber o objectivo sem que esso falhe e elles são: «Base, Fim e Meios.»

O vate dos *Lusiadas*, o guerreiro de Ceuta, o cantor de Portugal e o amante de Catharina, a Athayde teve por certo ésses tres marcos para locupletar o grandioso monumento que forma o palácio mais rico de Portugal, leve por base as idéias e simulacros representativos do subjectivo, essas idéias ternas quaes trinados do emplumado rouxinol, que encanta e seduz; por fim: legar aos seus coevos ingratos e aos vindouros uma pedra que devia ser annexa ao material

que deve erguer o Pantheon Universal, onde sob uma só capa da mescla se os nomes estupendos, e quaes serião os meios de que se servira aquelle que morreu pobre como Iro? Serião os leves fustos que passão? Não.

Os meios forão acerbos, duros e atrozes, porque foi preciso arrostar com constância a critica do *homens pygmæus*; porque, como Socrates, foi-lhe preciso tragar a crença, que a maleficia e a inveja prostrara-lhe; porque, assim como Prometheu teve de sufrir os atrozes tormentos no Caucaso; Camões defendeu heroicamente a civilização que evorava se com a pena de cantar os *Lusiadas* e com a espada de soldado de Ceuta.

O fim, pois, da actual missão é a ilustração que trará em resultado a glória e o triunfo como simulações da verdadeira adesão à scienzia, como emulos desse bem, que não pôe ser tão passageiro, porque brota raizes por todos os lados e porque é farsa divina, e portanto o fim é nobre e sagrado, e todo aquele que pretender encaminhar-se para a Cinaan poderá ser feliz, porque a felicidade na phrase de Augustin l'huyerry basea-se nosa sacrificio feito à scienzia em prol da humildade, e na verdade se a felicidade não fosse isto, porque razão Hypocrates evidaria seus esforços para aliviar os males physiscos, Messmer, procurando o lenitivo verídico, Flamel, Ruggiere e Cagliostro, a pro lra philosophical e a panacea universal? Consiste, pois, a felicidade no sacrificio: Christo morre no prol dos homens; Colombo, o descobridor da America vai apresentar seus pulsos aos algozes e recebe um carcere em prol de seus serviços; Galileu, sacrificado, é hoje olhado como nosso competidor das intelligencias grevo-lativas.

MANOEL ANTONIO MAJOR.

(Continua.)

Um episódio da vida de Lord Byron.

(Continuação.)

Em seguida, ocuparei por algum tempo vossa atenção, narrando-vos um caso extraordinario; eis-o:—Viajei como sabéis na Hespanha, depois de haver percorrido quasi todo o globo; procedendo de alta linhagem e possuidor de abundantes cabedaelas, cercado de amigos, e fortuna desde o berço, a felicidade me sorria até a idade de 34 annos que então contava; dotado pela natureza d'un genio ardente e apaixonado amei as mulhere, desde a mais humilde moça ate á aquella da mais alta sociedade, duquezas entrarão neste numero. Eu olhava as mulhere como se olhara as rosas quando estão em todo o seu viço e frescor: de manhã ao despontar da aurora muito bella, de tarde ao pôr do sol a hastê curva e a

fronte pendida para o chão.—Ria-me como louco; mas o amor, essa creança que o poetas representao cego, oí com os olhos vendados, juro vingar-se da minha inconstância.

Assim que cheguei a Sevilha fui alojarme na hospedaria intitulada *La n del Oro*.

O dono da casa, homem de seis vinte e cinco annos de estatura alta, e bem feito, era *Tambolerero das Guardas Del-Re*. Disse-me a saleta que eu devia ocupar e enarreguei-me de m' manha escolher mobília moderna, visto a que ahí estava estar já alguma causa usala, o que despensei.....

A noite, foi então que nela primeira vez vi sua esposa:—era moça de dezoito annos, altura regular, pallida, olhos azuis rasgados, compridas pestanas e formosos cabellos pretos, que e rola a em redor da testa que era de espago alta. Quando caminhava, representava-a aquelle andar sedutor de uma andaluz, andar que faz captivar a atenção de todos os estrangeiros.

Acredita, amigos, eu que até então, verdadeiramente fallando nunca tinha amado, apaixonai-me por a espasa do *tambolerero*, com uma paixão, que conforme se costuma a dizer, tocava quasi a metá do desespero, fui retribuido por ella com igual amor, ciumenta ate o mais alto ponto não podia tolerar que eu olhasse para qualquer outra mulher que não fosse ella. Ao mesmo tempo fumava cachimbo como fumaria um arabe no tempo de inverno no meio de um Oasis, e tomava rapé, como o poeta *Towasae*.

Esquecia-me de vos dizer que já em antes, quando passei na Andaluzia, as freiras saltavão os muros dos conventos para me ver passar de noite, porque teho de costume, durante a estação calmosa, fazer a jornada assim para evitar os ardores do sol.

Eu tinha revelado isto a Casilda (assim se chamava a mulher do *tambolerero*) o que fez com que o seu amor augmentasse para comigo.

Um dia, estava eu recostado a uma janela, olhava para o jardim donde estava um tanque e contemplava a aguia de marmore que lançava do bico jorros de crystal sobre uma infinidade de peixes que ahí nadava, ella chegou ao pé de mim, e batou devagarinho no meu bombrô; voltei o rosto e os meus labios forão machinalmente encontrar os da amavel Sevilhana....

— Que tens Byron, me perguntou, acompanhando esta interrogacão com um amavel sorriso.

— Nada meu amor, estou invejando (talvez não acréditas) a sorte daquelles aquáticas, que de momento a momento, estão sendo cobertos de perolas. Vê amavel Casilda, como reberberão as suas escamas de ouro e prata aos resplandecentes raios do sol !...

— E' verdade: são muito bellos; mas nossos & mais felizes do que elos, não é assim?

— Enganas-te: temos pleno conhecimento da nossa existencia; enquanto aquelles sara a compreenderem são mais felizes porque ignorão.

— Pois não seremos felizes, amando nos da maneira que nos amamos.

— Se este amor pudesse durar eternamente! Mas quando menos o oportuemos, o destino ou a morte nos fará separar.

J. A. F. da FONSECA.

(Continua).

POESIAS

O Gogo.

Santo Deus! concedeste-me a vida,
Pra mais tarde tirar minha luz;
De sofrer minha alma opprimida,
Ja não pôde com o peso da cruz.

Perdi um pai, uma mãe, e mulher!
Perdi crânas, amor e alegria!...
Não me resta no mundo sequer
Um amigo, um albergue, ou um pão.

Não encontro na terra doçura,
E' o dia pra mim negro manto;
Eu supporto cruel desventura,
Gan fê pura e crenga d'un santo.

Ja no mundo serrindo a sorte,
Para mim apontou um altar;
Porém hoje só peço a morte,
E a campa onde vâ repousar.

Morrerai sem ter quem na lousa,
Vá por mim uma prece rezar;
E lá onde o meu corpo repousa.
Uma lagrima sequer derramar.

Santo Deus! concedeste-me a vida,
Pra mais tarde tirar minha luz!
De sofrer minha alma opprimida
Ja não pôde com o peso da cruz.

J.B. C. Mello Guimaraes.

Um dia na Tijuca.

Se te ergueres hoje mais cedo
Verás com que beleza
Vinha a aurora pouco a pouco
Dando luz à natureza.

— « Como a manhã surri formosa
Por esses ledos bosques gentis,
Como é bela e orgulhosa
A lúa dando ás flores matiz!
Na Tijuca, a fresca aragem
Vai berrolando a folhagem
A sympathica flor de Lis.

Gloria a Deos que tudo cria:
Na terra imensas flores,
No mar ondas que extasia,
Ao trovador novos amores!
Lá nessa serra gigante
Que nos inspira distante
Um canto cheio de dores!...

Se esse orvalho celeste
Que dos Astros a Onus vem
Pede assim como ao cyreste
Servir-lhe de néctar tundim!
Vir ao jardim; onde a flor
Tirar-lhe sou meigo odor...
E depois morrer... o que tem?

Succecer a morte à vida
E' maior consolação,
Ir p'ra os campos, e na lida
Fugir para a solidão...
Ali sim, — pedrei aos nomes
Vemão dar-me novos lumes
Do seu forte clarão!...

Bem fadou-te a natureza,
Tijuca, Cimbra chamada!
Do Brasil! es a maior beleza,
E dos estranhos invejada
Tau céo é da cor de anil,
Quero ver te vezes mil,
O' terra tão sublimada!

Oh! quão soberba te elevas
Por essas montanhas além,
Quantos vivendo nas trevas
Nunca te virão tambem...
Malditos sejão teus filhos,
Que não conhece teus brilhos
Podendo-o. dão-te ao desdém!

Como é lindo o firmamento
De tarde ao pôr-se o sol!
Não aprecia triste avareco
Trinados do Rouxinol;
Vive trânsica na lida,
Pra comprar a doce vida,
E percece como arrebol.

Ainda dai-me, ó meu Deus,
Pra ir nas manhãs formosas
Cantar os segredos meus,
A's eacheiras saudosas:
Suas aguas crystallinas,
As estrelas purpurinas (*)
Lá se banham deleitosas!

Pouco a pouco vão fugindo
Pelas campinas de la...
Por entre os bosques ouvindo
O mavioso Sabia.
O crepusculo nos já annuncia
(que pena) a noite por dia,
— Findou! não mais virá.

(*) Duas jovens, que todos os dias iam banhar-se. (Não mais as verei).

Mas ai! se a morte um dia,
Não me for d'alemuar;
— Nesta terra eu qu'ria
Minha vida aqui findar...
Se este canto amortecido
No olvido achares perdido;
— Resurgo? não mais pensar!

Que me importa grandezas na terra
Se a monte lhe ecca o frescor,
Antes só, como o monge na serra,
Qu'no prado o nobre pastor!
— Esta sim! é a vi la que invejo,
Inda choço por elia com peijo.
Mandai-m'a, ó D. os Redemptor!

M. G. de ALMEIDA.

Rio, 5 de Abril de 1863.

ACROSTICO.

Em teus olhares virginais e puros
Assendeste na alma um ardente amor;
Ombas talvez das paixões do Bardo!
E il-o a teus pes! compaixão à dor!...
Imoz rosa da manhã de amores
Imagem santa do altar celeste;
Aspiro vê concedei ao triste
S doces phrases que tua alma veste!

Em 20 de Outubro — 63.

Eliza.

(S. Christovão.)

Eliza teus olhos
São astros brilhantes,
Que vivos scintillão.
Que matão semblantes.

Tu és linda estrella
Que brilha no céo;
Tu és o pharol
E's o guia meu.

Feliz eu seria
Se pudesse a teu lado
Gozar o allívio
D'amor tão sagrado.

Junto a teu lado
Quizera passar;
Gozando carinhos.
Qu'a mim vêm matar.

Mas já que a sorte
Nos quer separar:
As chamas busquemos
De amor apagar.

O Passatempo.

Meu canto.

A MEU AMIGO JOAQUIM JOSE FERREIRA D' AMORIM

Meu canto é triste como o pilar do mocho
Que poisa errante na marmorea cruz;
Que triste gemo... e na escuridão da noite
Seu brilhante olhar—só—all transluz.

Meu canto é triste como a canção terna
Do fiel amante que já foi trahido
Por aquelle anjo que adorará tanto
De quem agora já é esquecido.

Meu canto é triste como triste é
Quando à noite—o clarão funereo
Allumia o frio e engelado corpo
De um amigo—lá no cemiterio.

Meu canto é triste... e bem triste é
Elle é tão triste como a minha alma...
Cantó alegre encontrar não pô le
Quem do martyrio recebeu a palma.

Meu canto é triste...—e bem triste é!...
Se canto ás vezes festival canção
E' um canto triste que só diz os labios
Que desmeute o meu coração.

Rio, 20 de Abril de 1853.

A. J. T. Lopes Junior.

PALESTRA

Deves estar enfadado comigo, por ter
sabido da corte sem te dizer cousa alguma
não é assim?

Não, não estou zangado; seml muito a
tua falta porém não me exasperei contra
ti.

Muito bem visto que nos não vimos á
quinze dias hasde ter muita novidade para
me contar!

Alguma, no dia 8 do corrente a Asso-
ciação Dramatica do theatro de S. Pedro
fez a sua inauguração, assistida com SS.
MM. II. O theatro estava com asseio e
adornado com brilhantismo, houverão poe-
zias, sendo no fim destas tocado o hymno
nacional. Levarão o drama *Jouanna Grey*
ou *um throno para duas rainhas*, a se-
nhora D. Ludovina dizer que andou bem
é inutil porque o publico conhece por
demais uma actriz que não tem rival na
escola dramatica. A Sra. D. Antonina
Marquelou nada deixou a desejar, andou

magnificamente, e não era de esperar
outra cousa da Associação, confiando papeis
desta ordem à Sra. D. Antonina que já dá
muita esperança para o futuro. Os Srs.
De-Giovanni, Galvão, José Luiz e Gusmão
muito agradarão.

Não podemos deixar de nos interessar
por tão louvável Associação, e oxalá que o
publico reconheça os esforços e a ardua
tarefa desses artistas, e lhe prodigale todo
o auxilio e protecção de que tanto necessita:
é o quanto lhe desejamos.

Sabho hoje o 5.º numero do *Bazar Volante*, folha hebdomadaria, com excellentes
gravuras, as quaes fazem sobresair o
espirito de que são dotados seus redactores,
eu pela minha parte desejo-lhe longa
prosperidade.

Não me disseste que a *Bella Fluminense*
tinha dado a costa?

Não! Pois aquillo é algum barco de
cabotagem?

Circulou aqui entre nós, porém na
quarta e meia viagem, constipou.... e
morreó.

Coitadinho eu sinto muito.

Não tens que sentir, ah temos outro
jornal que sahio a luz denominado *Argos*.
Deos lhe dê uma sorte mais feliz, que a da
pobre *Bella* ou então uma bona *machia*.

Estou receiando de te dar breve a noticia
de que aquelle menino *Philomatico* en-
fardou a trouxa para fazer uma viagem
porque está quasi physico.

O *Orgão do Progresso* não tem sabido
com regularidade, porque ficou de boca
aberta e *Binocular* na mão extasiado a contemplar o *Progresso* de que é Orgão. O
Guanabara não morreó é falso: vive, acaba de recuperar um pouco a força moral, porém
é sujeito a molestia.

Morreó a *Bella* surgió o *Argos*, e como o
Iambo que ficou eclipsado com os resplandecentes vidros do *Binocular*, á tanto tempo
guardado na caixa. Ah! ah!... ah! assim
aventece deve ficar sempre o numero completo.

E' *Boaventura* que experimento sempre
que te ouço assim fallar porque aqui para
nós

Neste Rio de Janeiro
Qualquer um é redactor;
Assignantes e dinheiro,
Eis-abí todo ovalor.
S'uns luxão usão lunetas
Tem outros pernas cambetas.

Não sei com certeza se teve lugar hontem
a recita da Sociedade Filho-Thalia no theatro
de S. Januário como estava anunciado, e
brevemente espero ver a tua chronica com ana-
logia á ella.

Aquelle rapaz, com quem tu estavas
noutro dia, e me disse ser caixeiro na

rua das Violas a tres annos, é uma grande-
cissima péta, porque está desarranjado á
muito tempo e sempre dizendo que está lá
de caixeiro! não é isto ser pelintra?

Como é que soubeste disso?

Porque me dou com o redactor do *Ar-
chivo Litterario* e elle m'o apontou dizendo
que até hoje ainda não tinha satisfeito a
sua assignatura, estando o jornal quasi a
finalizar o trimestre assim como me disse
que para assignar foi ligeiro como um *Ribeiro* correndo *veloz* o peior não é isso,
sao os cobres e folhas com que elle fica.

Se o sujeito é desses então cá vai para o
batalhão dos *expulsos*, jurando bandeira na
companhia dos *deslavados*.

E não é só elle não: um celebre que se
assigna o poeta *Pereira de Abreu*, tambem
está no mesmo caso, e outros muitos que
para a outra vez te direi, por agora vamos
ao importante.

Tens-te esquecido daquelle collega —
Machado — (nada mais para ser conhecido
até pelo moleque da Semana) *redactor do Luzitano, da Corrupção, assignante do Jornal meia cara, membro do Instituto Geographic, soio benemerito da Sociedade familiar — Maia, compahero inseparável do feirão de lenha e conheci-lo vulgarmente por valento papa moscas.*

Não, não me esqueci, fallaremos para
outra vez agora estou com muita pressa
adeos adeos.

Aonde vaes correndo cabeça dourada?
adeos até domingo.

Até lá, adeos.

**

Charadas.

Melado de mim, faz parte,	1
Do nome d'un pau hem leve	1
Me usão, negros gentios,	2
Que fazem sem muita arte	2

CONCEITO.

Sou da parte vegetal.
E stuvo de sobre nome.

F. Leonardo.

Na França estou collocado	2
Na misa a sou encontrado	1

CONCEITO.

De Roma um Rei
Foi meo fundador
No Brasil sou conhecido
Pôr ti meu leitor.

A. J. Rodrigues Senago.

Aos nossos assignantes.

Rogamos aos nossos assignantes que,
quando não receberem a folha com pontua-
lidade, hajão de reclamar nesta relacção,
para se darem as devidas providencias.

RIO DE JANEIRO

Typ. POPULAR DE AZEREDO LEITE,
RUA NOVA DO OUVIDOR N.º 9.